

# Por que música na escola?

## Introdução

Como participante da equipe de elaboração do projeto dos Bacharelados Interdisciplinares (BI) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), entre 2007 e 2008, e enquanto Coordenador do Colegiado do BI Artes em seu primeiro ano e meio de funcionamento (2009-2010), pude despertar uma consciência mais profunda sobre a importância dos estudos musicais enquanto parte de uma educação generalista (independentemente do nível em que se dá esta educação), ao tempo em que também me deparei com os desafios que advêm da oferta de estudos musicais para alunos das mais diversas origens e com os mais variados interesses de formação intelectual e/ou profissional. Este artigo trata desta experiência.

## Descrição do projeto BI

A UFBA criou, em 2009, o Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos (IHAC), o qual passou a abrigar novos cursos de graduação que propõem um modelo inovador de estrutura curricular universitária. Ao abandonar a estrutura dos cursos profissionalizantes em nível superior, este modelo se diferencia bastante do tradicionalmente adotado no Brasil, priorizando uma formação mais abrangente, flexível e generalista. Esta estrutura não tem por objetivo principal – em sua primeira etapa – a formação exclusiva em perfis profissionais tradicionais, contudo, não exclui a possibilidade desta formação enquanto etapa subsequente (ALMEIDA FILHO et al, 2010, pp. 171 - 189).

A preocupação principal deste modelo é a de fornecer uma educação abrangente o suficiente para permitir ao indivíduo a possibilidade de entender e transitar entre as diversas formas do conhecimento e da expressão humana (SANTOS e ALMEIDA FILHO, 2008).

Este conceito parte da constatação de que, na sociedade ocidental, existem diversas “culturas” que priorizam diferentes aspectos dos conhecimentos humanos (as ciências e as humanidades, por exemplo), e que sistemas educacionais normalmente tendem a enfatizar uma ou outra “cultura”. Daí advém a dificuldade de comunicação encontrada entre indivíduos formados em “culturas” diferentes. Além disto, constata-se a impossibilidade de que cada uma destas “culturas” dê conta – isoladamente – de uma compreensão mais profunda da realidade (SNOW, 1995).

No caso específico do Brasil, uma educação superior que prioriza a formação do especialista e que, na verdade, quase a ela se limita, cria uma situação na qual os indivíduos formados não possuem meios adequados para perceber e dialogar com outras formas de saber e de expressão humanas além das da sua área de especialização. Por outro lado (e quase que paradoxalmente), muito frequentemente, os profissionais (especialistas ou não) mais bem sucedidos são aqueles que conseguem extrapolar as barreiras de suas especialidades, incorporando outros saberes e percepções em seu modo de compreender e dialogar com a realidade. Ou seja, indivíduos que detêm a capacidade de compreender a realidade de forma mais abrangente tendem a conviver melhor com o seu entorno.

## Lucas Robatto

---

O projeto dos BI objetiva proporcionar aos seus alunos vivências acadêmicas em diversas “culturas” durante seu percurso acadêmico e, para tanto, destaca três “culturas” que atualmente já estão presentes na universidade, mas que, no entanto, raramente dialogam entre si no âmbito acadêmico: a cultura científica, a cultura humanística e a cultura artística. Em consequência desta premissa, o ensino de matérias do campo das artes – e a música aqui em destaque – passou a constar obrigatoriamente do currículo dos alunos interessados em qualquer área de especialização dos BI (saúde, ciência e tecnologia, humanidades, artes).

A experiência da oferta de matérias musicais para alunos das mais diversas áreas pode delinear o seguinte quadro, que, de algum modo, retrata a presente situação da formação musical de alunos que – nas sua grande maioria – não tiveram possibilidade de contato sistemático com a música durante as suas formações nos ensinos médio e fundamental.

### Reflexões advindas da experiência dos BI

---

A constatação mais geral é a de que a música é encarada pela maioria dos alunos como um campo do saber distante de si próprios. Isto não significa que estes alunos não apresentem um gosto musical desenvolvido, nem que não tenham a capacidade ou o desejo para desenvolverem uma personalidade musical sólida, mas sim, que há um preconceito generalizado que traça uma grande barreira entre o “especialista” (o músico) e “leigo” (o não músico). Aos primeiros, ficariam reservados os saberes musicais; e aos segundos, restaria somente uma fruição musical de caráter mais superficial.

Uma segunda constatação é a de que há uma considerável resistência por parte dos alunos a se envolverem diretamente com o fazer musical. Os alunos sem formação musical prévia mais sistematizada tendem a evitar qualquer situação em que tenham que se expressar musicalmente, seja cantando ou tocando algo.

Uma provável decorrência das duas constatações delineadas acima é o fato de que os alunos que acabam cursando nossas matérias musicais geralmente apresentam algumas limitações referentes ao entendimento da música em um contexto mais amplo do que o do seu gosto pessoal momentâneo. Ou seja, estes alunos apresentam dificuldades nos seguintes pontos:

- visão panorâmica e/ou exploratória de repertórios musicais possíveis;
- capacidade de contextualização das manifestações e do repertório musical (seja o do seus “próprios” ou do de outros indivíduos e grupos);
- atitude de audição crítica.

Contudo, pode-se observar que estas deficiências tendem a diminuir na medida em que os alunos se envolvem mais com as matérias musicais, e o progresso individual nesta direção é marcante. Em pouco tempo de exposição a uma formação musical mais estruturada, percebe-se uma mudança de atitude frente à música, onde esta passa a ser mais próxima do indivíduo do que antes. É como se os alunos gradativamente perdessem o “medo” de estudar, entender e fazer música.

### Conclusão

---

Apesar de a história dos BI ser recente, e de não existirem ainda estudos sistematizados que avaliem a atuação das matérias musicais no âmbito de formação generalista, já é possível tirar dessa experiência algumas conclusões relativas ao papel da música na formação dos jovens no Brasil.

Seguramente muitas das dificuldades que os alunos dos BI encontram para se relacionarem com a música neste ambiente de formação generalista advêm da falta de vivência prévia com abordagens mais estruturadas de contato com a música. Para a maioria destes alunos, a primeira oportunidade de contato sistematizado e continuado com a música está ocorrendo na etapa superior de sua formação.

Fica patente que o interesse pela música é proporcional às oportunidades que cada indivíduo tem de ter contato com abordagens mais estruturadas e contínuas com a música. Fica também claro que, uma vez em contato com uma tal abordagem, ocorre um enriquecimento da capacidade de percepção e de elaboração crítica. A ampliação dos horizontes musicais do indivíduo (seja no âmbito da percepção pessoal, seja no âmbito da riqueza e variedade de repertórios) serve de auxílio para o alargamento dos horizontes de percepção da realidade como um todo.

### Referências bibliográficas

---

- ALMEIDA FILHO, Naomar de; Mesquita, Francisco; Marinho, Maerbal; Lopes, Antonio Alberto; Lins, Eugênio; Ribeiro, Nádia; Macedo, Joselita; Pimentel, Álamo. *Memorial da Universidade Nova*: UFBA 2002-2010. Salvador: EDUFBA, 2010. Disponível em : <http://pt.scribd.com/doc/50945357/Memorial-da-Universidade-Nova-2002-2010>. Acesso em 17 de maio de 2011.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; ALMEIDA FILHO, Naomar de. *A Universidade no Século XXI: para uma Universidade Nova*. Coimbra: Almedina, 2008. Disponível em:  
<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/12122/1/A%20Universidade%20no%20Seculo%20XXI.pdf>. Acesso em 17 de maio de 2011.
- SNOW, Charles Percy. *As Duas Culturas e uma Segunda Leitura: uma Versão Ampliada das Duas Culturas e a Revolução Científica*; trad. Geraldo Gerson de Souza / Renato de Azevedo Rezende Neto. S. Paulo: EDUSP, 1995.